

ANTONIO FEIJÓ

TRANSFIGURAÇÕES

1878-1882

CONTEMPLAÇÕES. — A MORTE DO IDEAL.
PANTHEISMO. — ESPHYNGE ETERNA. — AHASVERUS.
SACERDOS MAGNUS. — ESBOÇO D'ÉPOPÉA



COIMBRA

LIVRARIA CENTRAL DE JOSÉ DIOGO PIRES, EDITOR
9—Largo da Sé Velha—10

—
1882

Sala
Gab.
Est.
Tab.
Nº

5
30
31
35





ANTONIO FEIJÓ

TRANSFIGURAÇÕES

1878-1882

CONTEMPLAÇÕES. — A MORTE DO IDEAL.
PANTHEISMO. — ESPHYNGE ETERNA. — AHASVERUS.
SACERDOS MAGNUS. — ESBOÇO D'ÉPOPÉA



COIMBRA

LIVRARIA CENTRAL DE JOSÉ DIOGO PIRES, EDITOR

9—Largo da Sé Velha—10

1882

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PREFACIO

Explica-se em poucas palavras a intenção que me levou a colleccionar este livro. Quiz archivar, num volume, os versos escriptos dos 18 aos 22 annos, que mais accentuadamente representaffem as phases percorridas na evolução philosophica do meu espirito.

Dou-os á publicidade, como documentos, apenas, formando uma especie d'auto-biographia, a historia da minha intelligencia alargando-se gradualmente, pelo estudo, na comprehensão das modernas verdades scientificas.

D'ahi as successivas *transfigurações* do Sentimento artistico sob a influencia de diversas crenças philo-

foplicas, desde o peffimifmo de Schopenhauer e Leopardi, o grande poeta da *Infelicidade*, até às doutrinas largamente proclamadas d' Augusto Comte e Herbert Spencer.

A. F.

CONTEMPLAÇÕES

1878

Perchè venimmo a sí perversi tempi?

LEOPARDI.

Le cœur content, je suis monté sur la montagne
D'où l'on peut contempler la ville en son ampleur,
Hôpital, lupanars, purgatoires, enfer, baigne,
Où toute énormité fleurit comme une fleur.

CH. BAUDELAIRE, *Petits poèmes
en prose — Épilogue.*

A luz da madrugada esbate-se no azul...
Ao placido correr das nevoas para o ful,
o vento, esguedelhando a côma das florestas,
diffunde pelo espaço o aroma das gieftas,
um aroma subtil, mysterioso e bom...

Esplendida harmonia: a luz, a còr e o fom!

Que immensa alacridade em toda a Natureza!
Do arroio que ferpèa ao fresco da devesa,
do monte que recorta a vastidão do ar,
ao lírio mais perfeito, á rosa mais vulgar,
tudo faúda e canta o despertar da vida...

No horizonte fumiou-se a noite espavorida...
Como flechas de luz surgindo os arreboes,
na floresta em rumôr cantam os rouxinoes...

É dia nado. O sol destaca-se no oriente
como o olho febril d'um bebado dormente...
Aos forrivos de luz, ao beijo creador
da madrugada, acorda a Natureza em flor.
Por toda a parte a luçta, a luçta fecundante!
Todo este desbordar de feiva luxuriante
no eterno circular do sangue vegetal;
todo este irradiar da vida universal,
faz-nos pensar a nós, simples mortaes que fomos,
—em silencio, assistindo ao rebentar dos gomos
num impeto de força e de vigor febril—
se para nós não surge o esplendoroso abril,
se não ha para nós eternas primaveras
com novas illufões e fonhos e chimeras!...

Quem, nas aureas manhãs do estio, contemplar
as fulvas explosões da aurora a despontar
como chuva de luz banhando a terra inteira,
fente-fe remoçar das luctas, da canceira
d'esta vida cruel; e o triste coração
dilata-fe tambem num extafis pagão.

Oh grande Natureza! oh boa mãe! Eu cuido
que a força que te nutre é luminoso fluido
que produz a alegria, os sonhos e o prazer...
Foi quem deu o forrifo aos labios da mulher,
quem deu á cotovia a matinal garganta,
perfumes ao luar, tanta belleza, tanta,
que eu lanço-me de rojo em plena adoração!

Em todo este esplendor dilato o coração.
Quero esquecer a dôr, quero esmagar o tédio,
fugir das tentações ao luminoso affedio,
e apagar da memoria a larga cicatriz
do Mal que já lançou fundíssima raiz.
Mas quando julgo achar antidoto ao tormento,
quando julgo encontrar a paz do esquecimento,
cujá lima acerada eternamente roe
o peito da criança e o coração do heroe,

*

—do alto da montanha onde contemplo mudo
as florestas, o mar, a immensidade, tudo,
vejo que o sol inunda a velha capital,
que dorme áquella hora um fomno bestial
feito de treva e magua e pefadelo e crimes...

Oh sol! velho fétiche! os teus clarões sublimes
acafo não irão manchar-se no paúl?
Acafo a tua luz, da vastidão do azul,
entrando nos bordeis, nas rodas, nos hospícios,
em toda a podridão onde fermentam vícios,
nunca maculará teu nitido esplendor?
A toda a parte vai teu fogo abrafador
e é sempre casto e puro o brilho dos teus raios...
Nunca o teu rutilar na sombra tem desmaios...
És sempre o mesmo, oh sol!

E a velha capital
continúa dormindo o fomno bestial
e com ella repoufa o fequito dos vícios...

As crianças sem pae atiram-se aos hospícios,
prostitue-se a mulher que não tem pão nem lar...
A honra expatriou-se, o amor não tem altar!

Nesta gravitação continua para a morte,
o Mal é para nós a estrella azul do norte.
E o sol é como um rei que vai calado e fô
poifando em tudo o olhar sem se cobrir de dô...

No sinistro canteiro, as ruas da cidade,
viceja e cresce alli toda a monstruosidade,
brota por toda a parte o fructo de Kaïn.
Quem sabe o que virá no decorrer sem fim
do tempo, o velho abutre, o furacão dos dias?!
Não se pode apagar o stigma das orgias
na face trivial da nossa geração.
Não se pode arrancar do nosso coração
a dor, o soffrimento...

Eu afinal descreio:

o tumulto é fômente infaciaval feio
e não eterno berço.

E nesta luçta audaz
que vamos batalhando á luz d'um ceu minaz,
nesta luçta cruel, horrivelmente infana,
tão velha como a terra e como a raça humana,
luçta entre o Bem e o Mal, a escuridão e a luz,
entre a Verdade e o Erro, — o que é que nos seduz?
O crime é quem nos lança á onda da existencia,

foi quem despedaçou a nossa consciencia
levada de vencida! Os symbolos do Mal
têm sempre para nós a feducção fatal
do fructo prohibido...

Eu afinal defereio:
o tumulo é fômente infaciavel feio.

A MORTE DO IDEAL

1878

Le bonheur est donc toujours dans l'avenir
ou dans le passé, et le présent est comme un
petit nuage sombre que le vent promène sur
la plaine ensoleillée; devant lui, derrière lui,
tout est lumineux, lui seul jette toujours
une ombre.

SCHOPENHAUER, *Pensées et Fragments*.

Trad. de Bourdeau.

A rude legião dos vícios e do crime
arrafou, destruiu o templo do sublime
erguido á grande luz dos velhos ideacs
no eterno labutar de genios immortaes.
D'ha muito que rolou a funeraria tampa

na cova colossal, na silenciosa campa,
que no seu ventre esconde as grandes creações
nascidas ao calor d'extinctas gerações.
Do escuro revolver das podridões modernas
já não vemos surgir essas visões eternas,
os vultos ideaes d'*Ophelia* e de *Romeu*.
Beatriz cançou-se já de contemplar o ceu;
e a branca apparição, a triste *Margarida*,
banhada de luar, ferena e combalida,
um dia amanheceu no leito dos bordeis.

Nesta miseria atroz que de visões crueis!
Os poetas do amor, os bardos romanescos,
apparecem agora infames e grotescos
fob o fraque do dandy occultos muita vez.
E o velho *D. João*, a imagem da altivez,
a grande criação filha do scepticismo,
tombou na escuridão sinistra d'um abyfmo
impellido, talvez, pela convulsa mão
d'uma mulher fombria, a deusa Indignação,
coberto de vergonha e cheio d'ignominia!
É que a deusa cruel, essa mulher fanguinea,
não te soube entender, *candido corruptor!*
Tu tinhas phantasiado um ideal d'amor

que andaste procurando em loucos desvarios
sympathica figura!... Occultos e sombrios
teus desígnios febris, a tua crença e fé
cantou-os largamente a penna de Muffet.
Agora a sociedade, essa matrona horrivel
que não sabe entender as crenças do Possível
— a janella do Sonho illuminando o Real—
gravita de continuo em derredor do Mal,
o foco d'attracções da geração moderna.
E nesta hesitação, nesta anarchia eterna,
a febre nos devora, a inspiração morreu.
A solidão calada e mystica do ceu
já não é para nós aquella sombra amiga
que sabia applacar a grande magua antiga
de nossos visavós cançados de lutar.
As legendas crueis e tragicas do mar
perderam a poesia, e o vulto das ondinas
não perpassa na praia envolto nas neblinas,
o esbranquiçado veu das limpidas manhãs.
A primavera chora as illufões pagãs;
e as rajadas do sul lastimam tristemente
a idade que passou num foluçar plangente.

Ninguem entende agora a casta embriaguez

dos peitos virginaes que ao pôr do sol, talvez
chorem convulsamente effas passadas eras
d'uma edade feliz, doirada de chimeras!

É que tombou d'ha muito a imagem do Ideal
na densa escuridão da campa glacial.

As musas do lyrismo, esplendidas bohemias,
morreram escutando as perfidas blasphemias
d'espiritos subtis num rabido estralar.

Chorou-as tristemente o morbido luar
ao vel-as succumbir no immenso vilipendio,
e o desfolado sol no deflumbrante incendio
da luz crepuscular cheio de resplendores!

Os astros pelo azul, como abrazadas flores,
conservam-lhes da alma a effencia virginal
radiante como a luz batendo num crystal.

E agora a sociedade, effomeado abutre,
que de vicios servis e de paixões se nutre
odeia da consciencia o immaculado alvor!
Farçada bestial! quadro defolador!

Da miseria sem nome aos ultimos prodigios
da gloria, o Mal gravou os tragicos vestigios...
No seculo impaciente em que vivemos nós

hysterico e febril, ha um remorso atroz
de continuo a rasgar-lhe as fibras polluidas.
Ha um què de sinistro, ha notas prostituídas,
alguma coisa má, chimerica e fallaz,
que nos arrasta e impelle á viva luz do gaz
pela estrada do Mal, pelos vergeis do Tedio!...

Ninguem achou ainda o salutar remedio.

O dever foi expulso á radiofa luz
da grande barricada; a honra não feduz.
Na luçta coloffal que ha muito se travara
a moral succumbiu na sua estringe clara
e lançaram depois a onda dos refens
á gula bestial e fordida dos cães.

Contradição sinistra, horrivel e antithetica!

Trocou-se para sempre a adoração da esthetica
pelo gofo cruel das violações brutaes.
Occultam-se na fombra os velhos ideaes...
E a tórva sociedade, a doida extravagante,
com risos d'histrião e diçtos de farçante,
traz-nos á idèa um rôto e mífero arlequim

que oufasse declamar o funebre latim
d'um *De profundis*... fobre os restos d'uma ceia.

Neste desmoronar apenas nos enleia
no grande irradiar d'uma attracção fatal
a fina vibração metallica do Mal.

Adoramos agora as coifas mais corruptas,
o egoísmo, a traição, a infamia, as prostitutas,
e trazemos em nós essa paixão fervil
da velha hypocrisia—uma mulher fenil
que d'ha muito subjuga as nossas consciencias...

Mas d'estas podridões sahem phosphorencias
mais fulvas do que o sol, mais doces que o luar,
esplendidos clarões que vêm illuminar
o caminho da honra e do dever ao homem
atafcado no vicio e nas paixões que o fohem
mostrando-lhe do Bem o immaculado azul.
E um dia o perpassar dos furacões do ful
ha de varrer tambem o ultimo remorso
da sua consciencia—abendiçoado efforço!
Mas inda é muito cedo, e tarde chegará
esse facho de luz que nos inundará
d'amor e de perdão... E emquanto que se espera

vamos fentindo em nós a lubrica panthera,
o vicio, impedindo o affomo do Porvir!

É precifo arrafar antes de conftruir.

E o Poeta que vai fempre de lança em rifte
à frente, combatendo o que ha de velho e trifte,
depois de ter extinçto o apodrecido Ideal
da noffa fociedade— a adoração do Mal—
fobre as ruínas, de pé, na lama do monturo,
aguarda a apparição das bandas do Futuro!

THE HISTORY OF THE

REIGN OF

THE

REIGN OF

THE

A LUIZ DE MAGALHÃES, MEU AMIGO



PANTHEISMO

1879

Quicquid est, in Deo est, et nihil sine Deo
esse, neque concipi potest.

In rerum naturâ nullum datur contingens;
sed omnia ex necessitate divinæ naturæ de-
terminata sunt ad certo modo existendum et
operandum.

SPINOZA, *Opera posthuma*,

Prop. xv et xxix, *de Deo*.

De noite, quando a chuva açoita os arvoredos
foluçando e carpindo uns tragicos fegredos
na cyclopica voz dos turacões do ful;
quando é mudo e fombrio o concavo do azul,

e as nuvens colossaes batidas da procella
fogem na immensidade, e a vaga se encapella,
erguendo-se raivosa aos beijos do tufão;
quando o raio illumina a fundá escuridão,
como estrellá que vai perdida pelo espaço
deixando em pós de si no formidavel traço
uma fita de luz na treva colossal...

—a Natureza forma um côro universal!

Na batalha cruel dos cegos elementos,
nos gemidos da felva e no chorar dos ventos,
nos rancos do trovão, nos vagalhões do mar,
—sombrio e taciturno eu ponho-me a scismar
nesta luçta campal, neste profundo grito,
neste medonho som perdido no infinito,
neste canto brutal, nesta horrorosa voz,
que parece trazer o affombro a todos nós,
e que é talvez um hymno, um cantico disperso,
entoado por Deus nas harpas do universo!...

Banha-me então não fei que esplendido fulgor...

A phantasia toma as azas do condôr
e voa pelo espaço atravessando os ares...

Mas a Alma, acurvada ao jugo dos pezares,
a Alma, a etherea flamma, a esplendida illusão,
em vão tenta elevar-se e vai na escuridão
como um ébrio sombrio a tactear um muro,
e adormece por fim ás portas do Futuro
crivada d'irrifões, sem crenças no Ideal...

Deixa-se ennodoar no impuro tremedal,
e ao tombar sobre o lodo isenta d'enthusiasmos,
em vão tenta lançar um jorro de farcafmos
sobre esta sociedade estúpida e cruel...

E enquanto o pensamento, a esplendida Babel,
voeja pelo espaço a phantasiar chimeras
doiradas pelo sol das roseas primaveras...
Emquanto a lueta existe, enquanto é negro o ceu,
e a aurora não recolhe o tenebroso veu
d'esta noute sem fim do lugubre combate;
emquanto o sol não rompe em nuvens d'escarlata
como enorme explosão das bandas orientaes,
e nos nichos de pedra em velhas cathedraes
dormem finistramente os solitarios sanctos...
emquanto o mar soluça os seus enormes prantos
como um heroe vencido, um combatente audaz,

emquanto que não volta a desejada paz,
fugindo espavorida a negra tempestade...

—afogo o meu olhar na vasta immanidade...
E nesta grande lucta, e neste tumultuar
da Natureza-mãe, sinto-me penetrar
d'um extasis sublimo, um vago mysticismo...
A Alma ergue-se então do lodo d'este abysmo,
eleva-se ao azul pela contemplação,
e alarga-se abrangendo a vasta criação
tudo o que vive e existe em seu divino amplexo!

O visionario tem um pallido reflexo
do Espirito Immortal, do Espirito de Deus;
e na contemplação tão intima dos ceus,
ha muito de commum nas almas dos poetas
e no espirito ardente e forte dos prophetas,
que altivos como heroes, hallucinados, fôs,
lançam por toda a parte a sua ferrea voz
rasgando do Futuro o tenebroso arcano...

Prodigio singular! prodigio sobrehumano!

Alma! Ninguem sondou a tua vastidão!

Ninguem achou a lei d'esta gravitação
da Alma para o Bem—mysterio inexplicavel!
Não pode comprehender-fe o vago, o inenarravel
da sua effencia...—um astro a resplender de luz
perdido no Infinito, um astro que seduz
e d'onde se destaca o brilho da Verdade
com todo o resplendor e em toda a majestade!

É sempre casto e bom feu immortal fulgor...
Estrella que rutila irradiando amor,
e que jámais se extingue...

Aurora immaculada,
concentração do Sér!...

A grande lança hervada
do Mal, o velho Mal, a negação do Bem,
nunca pôde ferir essa immortal cecem
d'uma candura ideal...

E á hora do trespasse
quando a morte nos poisa o labio fobre a face,
labio terroso e vil, d'um frio glacial,
—no ultimo estertor, o fulminado Mal,
desprende-fe de nós, lançamol-o de rojo,
e fica fobre a terra affim como um despojo

para fermentação das velhas podridões,
entre as larvas da cova e as fujas podridões...

Emquanto a Alma vai puríssima, ineffável,
abyfmar-se por fim nos feios do Infondável!...

ESPHYNGE ETERNA

1880

Ce qui est au delà du savoir positif, soit, matériellement, le fond de l'espace sans borne, soit, intellectuellement, l'enchaînement des causes sans terme, est inaccessible à l'esprit humain. Mais inaccessible ne veut pas dire nul ou non existant.

.....
C'est un océan qui vient battre notre rive, et pour lequel nous n'avons ni barque ni voile, mais dont la claire vision est aussi salutaire que formidable.

E. LITTRÉ.

Aquella estranha voz que fôa aos meus ouvidos
cheia de maldições e cheia de gemidos,
como a voz de Kain vibrando a imensidade

da funda escuridão d'uma longinqua edade;
aquella estranha voz que eu ouço além clamar
como o enorme bramido infolito do mar,
tomando aquelle rude e prodigioso accento
que é o verbo da justiça e a luz do ensinamento;
aquella estranha voz prophetica e sublime
que fem tremer combate as repulfões do crime,
e atêa do passado a chamma transitoria
rasgando á nossa vista os porticos da Historia,

— responde com desprezo e amargas ironias
aos problemas crueis e ás duvidas fombrias
que ferem a razão como aceradas lanças!

Debalde tento erguer as velhas esperanças
aos páramos do ceu alevantando os olhos...
Mas a razão baqueia entre parceis e escolhos,
a consciencia treme, a consciencia hesita.
Não basta contemplar a abobada infinita,
não basta unicamente ouvir dizer que Deus
habita na região vastissima dos ceus.
Não basta compulсар os livros de Moyfés,
nem olhar como um crente os astros e as marês,
ou saber que Israél passára o Mar Vermelho.

Não é sufficiente a lettra do Evangelho...
Para erguer a razão das trevas onde cae
inflammem-fe de novo as farças do Sinai!
Que o faber alimente e eleve a intelligencia!
Para tranquillisar a noffa consciencia
não basta simplesmente o que nos diz a fê:
o que ensinou Jefus e o que ensinou Mahomet!

Andam as religiões em continuada luêta.
A fê encheu na Grecia a taça da cicuta,
alevantou a cruz no cimo do Calvario,
e no doido furor de monstro fanguinario,
para abafar a voz da sciencia que troveja,
encerrou Galileu nos carceres da egreja;
e como um sacrificio ao Deus sombrio e fero
mandou queimar João Huff e excommungou Luthero!

Vale mais do que a Biblia e mais que o Alkorão
a radiofa luz d'uma constellação.

A Natureza é como um grande livro aberto.
Mas fe acafo a razão no largo vôo incerto
procura defcobrir as caufas e as origens,
apoffam-fe de nós as tragicas vertigens

que nos podem levar no immenso cataclysmo
aos marafmos da fé e ás fombros do atheifmo!
Se procuro faber que força incoercivel,
que prodigioso Sêr, que Espirito inflexivel
num impeto arrancou do cahos o univerfo;
se procuro faber que genio anda difperfo
na grande folidão da azulea curvidade;
se pergunto:—Quem foi que deu á immenſidade
o lampejo dos foes e das constellações
cravadas no infinito?—As mil revoluções
dos afros immortaes na orbita gigante,
quem foi que as regulou no feu gyrar constante?

Em meio da incerteza e do cruel tormento
deixo-me arrebatár na aza do pensamento...
Mas o myfterio atroz e horrivel em que ſcifmo
tem a attracção fatal, tem a attracção do abyſmo!
E entre o Principio e o Fim o espirito oſcillando,
com a ancia febril do fabio meditando
na grande folução d'algum problema eterno,
é como uma bandeira aos vendavaes do inverno!

Na tremenda loucura e no tremendo incendio
da duvida que eſmaga e que é um vilipendio

ao poder da razão, da intelligencia humana,
empenho-me de novo em outra luçta infana!
Interrogo o passado, as religiões e os mythos,
os povos e as nações, os idolos e os ritos...
mas quando dou começo á minha luçta ingloria
ouço de novo ao longe a rude voz da Historia.

Cheio d'hesitações e de perplexidades
entro calado e fô no templo das edades.
Ao transpor os umbraes da tenebroza nave
humillimo e fereno e respeitoso e grave,
abyfma-fe a razão no immenso labyrintho...

Vejo ante mim, de pé, todo o passado extinçto.

E aquella estranha voz que fôa aos meus ouvidos
como um foturno côro enorme de gemidos,
vibra na immensa nave e falla-me:

—«Poeta!

Debalde attingirás a ambicionada meta.
Jámais encontrarás a soluçao que buscas.
Nessa batalha infinda a intelligencia offufcas
sem que vejas fúlgir a lua da Verdade.

Podes interrogar o ceu e a immensidade,
a voz do furacão, as ondas tumultuosas,
o murmurio da selva e o coração das rofas,
dos canticos do mar ás aguias altaneiras,
dos forrifos da aurora á flor das lorangeiras!
Podes interrogar os virginaes segredos
que fizeram brotar os cedros e os rochedos,
os mysterios do amor, dos berços e dos ninhos...
Has de rasgar os pés nestes sarçaes maninhos,
que a razão não descobre e a sciencia não attinge,
mas não decifrarás a tenebrosa Esphyngel!
Podes interrogar os deuses fabulosos,
os mythos orientaes, os ritos caprichosos,
os ídolos mongoes e as tribus africanas,
que nada mais verás do que ficções humanas!

Em vão procurarás o verbo scintillante
nos labios de Platão e na razão de Kant.
Nunca descobrirás esse fatal problema.
Se o buscas, tombarás neste cruel dilemma:
desprezar a sciencia ou abraçar a fé;
infultar a razão para adorar Mahomet.

Investiga, interroga e estuda em toda a parte

os problemas da sciencia e as intuições da arte.
Vôa do Mar do Norte aos indicos palmares,
dos climas do occidente às regiões polares
interrogando a terra e interrogando o homem...
Nunca dissiparás as trevas que te fohem
a vasta folução em que d'ha muito fcifmas,
em que a tua razão e a intelligencia abyfmas!

Se oufares perguntar: — Quem arrancou o mundo
do cahos primitivo horrivel e fecundo?
quem foi que deu as leis que regem a materia
e os afros dissipou pela amplidão etherea?
— Para te responder, finifros e velozes
na grande confusão dos gritos e das vozes —
os índios bradarão, num gesto reverente,
que o eterno creador foi *Brahma* omnipotente;
na China hão de clamar que foi a luz do fol...
E em toda a parte e fempres, o arabe e o mongol,
no Egypto e no Japão, felvagens e judeus,
cada um ha de bradar por feu diverfo Deus!
A Trindade chriſtã, o Ser Supremo, Allah,
fão ficções que a razão de todo expulfará.
Como Jupiter, Zeus, Cybeles e Saturno
nas fombas do paſſado immergem a feu turno.

O *Olympo* está deserto; os deuses exilados
andaram-se a exhibir na rampa dos tablados.
A razão que salvou a humanidade escrava,
envolveu *Jehovah* na sua ardente lava,
e extinguiu para sempre a treva — preconceito!

Eu quiz desopprimir-te ó suffocado peito,
libertal-o, arrancar-lhe o ultimo prejuizo...
Hoje ninguem receia o *dia do juizo*,
que os deuses, como vês, são todos verdadeiros
como os heroes d'Homero, os inclitos guerreiros...

Fatal contradicção da miseravel forte!
Que tudo venha a ser tocado pela morte!
Metamorphose eterna!... É como os furações
o tempo, que destroe as crenças e as nações!
Ceci tuera cela...

Mas nunca desespere.
Para que o sentimento e a força retemperes,
contempla com assombro o espaço e a Natureza,
e deixa-te enlevar na esplendida grandeza
dos astros e dos soes, constellações e mundos!
Os teus olhos febris, cavados e profundos,
hão de arrancar talvez o myffico segredo

às convulsões do mar e às vozes do arvoredo!
A sciencia não chegou a descobri-lo; a arte
às regiões do Ideal é que ha de arrebatá-te
nos vôos da intuição!...»

Assim fallara a voz
que o echo repetiu num fremito veloz
que se perdeu no espaço. Olhei então á roda:
a primavera enchia a Natureza toda
de perfumes e sons—tudo formava um cantico.
Parecia um espelho o rumoroso Atlantico.
O largo sol pairando enorme e rutilante
no gyro colossal da ecliptica gigante,
beijava—austero amigo—os lirios das campinas,
coloria, esmaltava os trevos e as boninas,
fazendo scintillar cheio d'ignotos brilhos
o bosque silencioso e os lourejantes milhos!

Ao ver por toda a parte a Natureza em flor
num connubio sagrado em convulsões d'amor,
de joelhos adorei o Espirito secreto,
que fez brotar no monte o solitario abeto
e fecundou no prado o cardo trivial...
No grande turbilhão da vida universal

existe um Deus occulto... A flor que defabrocha
em meio da aridez, das fendas d'uma rocha,
é uma alma que se expande...

Em impetos nervofos
beije da Natureza os flancos uberosos
nos arroubos febris d'um extafis contrito...

Cheio de gloria, o fol pairava no infinito!...

AHASVERUS

1881

(DO POEMA INEDITO — A VIA DOLOROSA)

La route du progrès c'est le chemin des tombes.

V. HUGO, *L'Année Terrible*.

... cette marche ne peut être abrégée; il faut la
suivre avec la patience nécessaire.

H. SPENCER, *Introduction à la science
sociale*.

.....
.....
Como a lava irrompeu das guelas dos vulcões
arrafando, envolvendo em lividos clarões
tudo o que refiftiu á fua marcha hedionda,

e o bosque secular e a rocha e o cedro e a onda,
fe curvam ao fulgor da chamma triumphal,

--o Progresso brotou da luſta univerfal
como d'um grande abyſmo apòs um longo abalo.

E deſde então, montando o ſeu feroz cavallo,
ninguem, ninguem jámais o pôde ſubjugar...
Não fei que immenſa luz, que eſtrella ſingular
o guia pela eſtrada a illuminar-lhe a fronte.
À medida que ſobe alarga-fe o horizonte.
Na montanha da Vida onde caminha, os ceus
eſtão mais perto já, eſtá mais perto Deus.

Quer ſeja á luz do dia ou pela noite eſcura,
num eſforço conſtante o ſeu olhar procura
o caminho que leva á edenica região,
raſgando a pouco e pouco a infinda eſcuridão
como aurora boreal—o rubro olhar do polo.

Invencivel heroe, erguendo altivo o collo,
avança conquiſtando a ambicionada luz.
Foi-lhe baptiſmo o fangue e o pranto de Jeſus.
E ſempre a galopar na eſtrada do Infinito

não o fazem deter as maguas do proscrito,
os foluços do escravo, em guerras de titan.
Caminha olhando ao longe a Estrella da Manhã,
erguendo e derrocando assim como as procellas...

Lança de cada mão uma alluvião de estrellas.
Sob a palpação magnetica dos foes
é como a encarnação sublime dos heroes!

Nada, nada o fustem na fanguinaria lucta:
as contorfões da fome e a infamia da cicuta,
a miseria, a oppressão, o carcere, as traições...
O seu braço rebenta a grade das prisões.
Edifica e destroe, exalta ou affaffina.
A sua voz troveja, o seu olhar fulmina.

Viu Socrates morrer; o intrepido Catão
rafgar ferenamente o austero coração...
Viu esta gloria—a Grecia, e esta grandeza—Roma;
as noites de Caprèa, os vicios de Sodoma...
Ouviu prégar Jesus, o austero galileu,
lançando o olhar dorido aos paramos do ceu,
o seu olhar suave e manso como um lago,
perdido pelo espaço entre o infinito e o vago...

Mas não parou. Da treva as rudes legiões
não o detêm. Brotou do flanco das nações
e marcha sem temer a inquisição e o throno...
Os monstros de que falla a historia: — Carlos Nono,
Sixto Quinto, Luiz Onze, o furioso Ivan,
não fazem defmaiar os brilhos da Manhã
embora o fangue tinja as mãos dos affaffinos...
Deixa por toda a parte os seus clarões divinos.
É seu guia na marcha olympica e brutal
nas fendas do Futuro a Estrella do Ideal.

Caminha, embora finta o coração exangue.
Leva o manto glorioso ennodado em fangue.
Cavalleiro fombrio é elle que conduz
a Humanidade escrava ás regiões da luz
da civilização na estrada luminosa...

Chama-fe aquella estrada a *Via Dolorosa*.

SACERDOS MAGNUS

1881

... razão ha que queira eterna gloria
quem faz obras tão dignas de memoria.

Lus., c. 11, est. 113.

Deixae avoejar, ferena como o dia,
a borboleta azul da voffa phantafia...

Scifmando, imaginae numa região distante,
um poço enorme e fundo, um barathro gigante,
onde ruge bramindo um rude cataclyfmo
d'aquellas folidões convulfionando o abyfmo.
As larvas sepulchraes e as lividas chimeras,
os hediondos reptis e as monftruofas feras,

*

tudo o que ha de medonho e pavoroso, affombra
o nosso olhar perante aquella horrivel sombra,
onde passam, batendo a negridão dos ares,
as azas colossaes d'aves crepusculares.

Ninguem sabe o que encerra aquelle abysmo enorme.
Se o vamos contemplar, um susto desconforme
apossa-se de nós, cobrindo-nos de espanto.
Ululando no escuro um tumultuario canto,
num rugido feroz de gritos e lamentos,
os doidos esquadões electricos dos ventos,
naquella vastidão d'um negro illimitado,
enchem de hesitações como um terror fagrado.

E no entanto, o mineiro estrenuo e de coragem,
que ao fundo se arrojar da lobrega paragem,
ha de encontrar talvez uma riqueza immensa:
o trabalho que a terra em seculos condensa
nas crystallificações da Natureza inteira!

A força pertinaz vence a maior barreira.

D'esse abysmo tremendo, escancarado e frio,
—necropole medonha ou tumulo vazio—

à força de lutar, homens perseverantes,
hão de arrancar por fim punhados de diamantes!

O trabalho da terra, activo e silencioso,
femella-fe ao trabalho heroico e portentoso
da Idèa que alimenta a multidão das gentes...
É como o germinar occulto das fementes,
no confuso tropel das luctas soberanas,
a lenta gestação das creações humanas!

A Edade-Media foi um tenebroso abysmo,
em cuja escuridão, quando eu medito e seiçmo,
vejo a lucta sombria, o batalhar constante
d'uma elaboração activa e fecundante,
onde se retemp'rou a seiva das idéas
que explodiram mais tarde, esmigalhando as péas,
aos rutilos clarões do sol da Renascença!

D'esse abysmo sombrio e d'essa treva immensa,
este mineiro—a Idèa—em tragico arremesso,
arrancou o diamante a que chamais Progresso!

Brotou a Renascença, a epocha sublime,
que o nosso imaginar, dobravel como um vime,

entrevê fob o azul aveludado e limpo
d'um ceu formoso e bom, d'um fabuloso Olympo...

Na irradiação de luz d'essa brilhante idade,
que lançou pela terra a viva claridade
das vastas concepções d'uma grandeza imensa,
em que a Arte e o Saber num todo se condensa
e abala do Passado os ambitos profundos,
— Galileo determina a rotação dos mundos;
vibra no espaço a voz de Rabelais e Erasmo:
a epica rifada e o livido sarcasmo,
dois arietes que vão bater e destruir
o reducto que enfombra a aurora do Porvir.
A sublime invenção da Buffola e da Imprensa
abre ao trabalho humano uma alvorada imensa,
como pharoes guiando o Pensamento humano
entre as ondas da Sciencia e os vagalhões do oceano!
A Idêa vai subindo, a Idêa omnipotente!
Colombo entrega ao mundo um novo continente,
e Bacon, destruindo o emmaranhado obscuro
da Escholastica, affirma a sciencia do Futuro!
Luthero, o pensador energico, immortal,
lança um riso tremendo á excommunhão papal;
e da *bull*a queimada á rubra claridade

o Pensamento vò a plena liberdade,
quando jazia ao dogma acorrentado e oppresso!

Era a fermentação latente do Progresso!

Um movimento enorme actúa em toda a parte:
dos domínios da Sciencia ás regiões da Arte.
Na rudeza feroz d'uns impetos secretos,
Alighieri fundira o bronze dos tercetos,
fombrio gibelino em coleras accefo...
Leonardo de Vinci, Corregio, Veroneso,
dão a còr e a expressão ás concepções mais bellas;
Raphael, debuxando as preciosas telas,
ao pafmo do Futuro e á nossa admiração
legava esse prodigio—a *Transfiguração*.
Colosso que deslumbra a nossa pequenez,
Miguel Angelo arranca a estatua de Moyfès
d'um *bloco* de granito; e o Pallestrina cria
o *canto fermo* e inunda a Italia d'harmonia.
O Taffo, esculpturando estancias sublimadas,
cantava na epopèa a gloria das cruzadas;
Ariosto celebrava o furioso *Orlando*;
e no suave correr do estylo ameno e brando,
neste bello esplendor que illuminava o Lacio,

corria, zombeteira, a penna de Boccacio,
Synthetifando o Amor, paixão serena e calma,
que faz abrir a flor purissima da Alma
na doce embriaguez que o coração abarca,
vai na esteira de Laura o genio de Petrarca...

Heroica agitação, forte renascimento
que o passado esplendor tirou do esquecimento
onde tudo jazia em confusão cahotica!
Scintillante crysol que unira a ogiva gothica
ao velho templo grego! Esplendida manhã,
cuja luz alliada á inspiração christã,
perdida no fulgor d'um vago mysticismo,
fizera renascer o antigo paganismo
e de novo furgir todo o esplendor da Grecia!
Com as irradiações de glorias, entretece-a
o nosso imaginar, no fundo das edades,
como num quadro antigo immerfo em claridades...

Nós vemol-a furgir sob o profundo ceu
que contemplou a estatua alevantada em Milo,
Aristophanes rindo ou trovejando Eschylo,
e Homero desprendendo ás virações do Egeu
a theorba immortal, magnanimo e tranquillo...

Renasceram de novo os tempos luminosos
d'essa idade pagã, que tinha a Grecia cheia
do divino clarão dos genios prodigiosos;
em que Apelles pintava a lubrica Aftartêa
e Phidias cinzelava os marmores preciosos...

A Italia admirava a terra da Poesia,
os seus homens do Mar, guerreiros sem desfouros,
que foram conquistar o mythico thesouros,
sem bussola, á mercê da fresca maresia,
na grande expedição do *Vellocino d'Ouro*.

A Arte foi beber nessa região divina,
nessa uberrimo seio aberto ao mundo inteiro,
o paiz, onde o Sol no occaso derradeiro
com pasmo contemplava o heroe de Salamina,
pondo faifcações nas armas do guerreiro!...

Tudo isto refurgiu nessa alvorada intensa,
— tempestade de luz chamada Renascença —
em cujo limiar se eleva rutilante
o severo perfil do tenebroso Dante.

Neste bello fulgor que enchia a Natureza
d'uma alimentação de gloria e de belleza,
e d'entre a legião de genios colossaes,
que levantam ao ceu gigantes cathedraes
e animam com o escopro a rocha das montanhas;
que imprimem sobre a tela as creações estranhas
e fundem no poema as vastas concepções,

—furge radiofo e enorme o genio de Camões!

Eu não fei bem o que ha de prodigiofo e grande
neste nome que em nós a sua luz expande,
amostrando o passado em limpida miragem,
que nos enche de gloria e que nos dá coragem,
fazendo palpitar d' affectos immortaes
os nossos corações heroicos e leaes...

É que elle é para nós o estímulo do Bem:
encerra o Amor da Patria, e a Patria é nossa Mãe!

O nome de Camões lembra a passada gloria
d'um povo sem equal nas paginas da Historia,
que arremessava ao mar as suas naus valentes
para levar a luz a ignotos continentes;

d'um povo que esmagara os rutilos alfanges
e num amplexo enorme unira o Tejo ao Ganges!

Quem ha que se não julgue entusiasmado e altivo,
sentindo palpar, immenso, heroico e vivo,
o peito portuguez nas folhas d'esse poema,
o affombro da Epopèa, a synthese suprema
d'este povo que fez o espanto das Nações?!...
Um nome simplesmente, um symbolo — Camões —
refume um povo inteiro!...

Oh genio poderoso!
quem sabe o que tu és! que fopro mysterioso
na face te depoz a luz serena e forte
que faz pasmar o Mundo e recuar a Morte!...
Quem sabe d'onde vem a força creadora,
que fez que o teu olhar fosse uma grande aurora,
cujá luz penetrou no fundo do Infondavel?!

Mysterio colossal! Esphyngé inexplicavel!

O olhar do Genio affombra, e tem a propriedade
que faz fahir da treva a intensa claridade
que nos deslumbra e eleva ás regiões do Ideal:
o Infinito augmentando as percepções do Real!

Não fei que força estranha e rude me domina
quando me inunda a luz da Inspiração divina
que o Genio modelou no bronze dos seus cantos
com gritos de enthusiasmo e commoções de prantos.
É como a luz do Sol que as altas ferras doira!
Tem o impeto do mar que se enraivece, e estoira
os arrancos febris nas solidões da praia!
Como a aguia que vò a aos cimos do Hymalaia,
o Genio tambem fobe às altas eminencias,
deflumbra com a luz das grandes evidencias
que fò elle arrancou das fombas do Possivel
nos vòs da intuição—a luz indefectivel
que vai illuminar e encher de claridade
do coração humano a vasta escuridade...

Foi elle que legou às gerações por vir
os anceios do *Fausto* e as maguas do *Rei Lear*;
os ciumes do *Othello* e as timidas *Ophelias*,
suaves como a luz ferena das antelias
no silencio dorido e triste do luar...
Foi elle que insufflou, no eterno labutar,
às rapfodias da Grecia as epicas rajadas,
que ao lèl-as penso ouvir as linguas das espadas,
cantando pelo espaço as luéttas dos heroes!

O Genio tem no craneo o rutilar dos soes!
Concebe com o esforço enorme de Titan,
num dia o *Dom Quixote*, e no outro *João Valjean*;
Manfredo e *Prometheu*, o orgulho gigantesco,
a grande abnegação e o grande ideal tudefco.
Foi quem fundiu no bronze os versos das *Iliadas*
e quem gravou no livro os cantos dos *Lusiadas*,
a maior criação moderna da Epopêa!...

Ha não fei què de vivo e ardente que incendêa
em noffos corações os fortes sentimentos,
nas vastas concepções e nos deflumbamentos
que nesse poema eterno o Genio condensou...
Nunca a maior altura a aguiã se librou!
Se o leio, um sopro ardente o coração me inflamma!
julgo ver o perfil do destemido Gama,
em pé, fobre o convez dos rudes galeões
que vão a demandar inhospitas regiões,
interrogando altivo e cheio de pavor
a estranha apparição do fero *Adamaflor*...
Encho o meu coração de fombas illuforias
na larga descripção d'essas passadas glorias,
e finto-me valente e d'alma refuluta
para tentar de novo a abandonada luçta...

È que o Poeta fundiu neffa epopèa ingente
todo o fentir d'um povo energico e valente,
que outr'ora avassallara os rebellados mares
e o nome oufou gravar no chão dos aduares!...
E é por isso que nós, com um respeito igual
á grandeza, ao valor do Genio coloffal,
lhe vimos tributar, cheios de commoção,
todo o respeito e amor do nosso coração.
E é por isso que nós, toda a geração nova,
vimos faudar o Genio immenso que renova
em nossos corações a crença que dá vida,
a crença no porvir da Patria adormecida
no pezado torpor de estranha somnolencia...
E é por isso que nós, discipulos da Sciencia
que ha de abrir um rasgão no tenebroso muro,
que ha muito já nos veda as portas do Futuro,
vimos prestar o culto e o preito d'homenagem
àquelle que nos enche a alma de coragem,
que é toda nossa gloria e toda a nossa esp'rança!

È preciso cumprir effa pezada herança
que o genio nos legou: — entremos pois na liça!
que nos sirva de guia o Archanjo da Justiça
na conquista que leva ás glorias do Progresso!

Podemos succumbir das luctas no começo!
Podemos succumbir no grandioso embate
formidando e brutal do infolito combate...
Mas o que ha de existir no mundo eternamente,
esse livro immortal do Genio resplendente,
fica para indicar ás novas gerações
a terra que embalara o berço de Camões!..
E o feu nome a brilhar nas radiações da gloria,
domina e reina já nas paginas da Historia
por entre as convulsões e os grandes defenganos,
como um facho de luz fobre trezentos annos!



ESBOÇO D'EPOPÉA

O HOMEM

1882

Tous les hommes sont l'Homme! un seul peuple! un seul Dieu!

V. HUGO, *L'Année Terrible.*

... on devient convaincu que l'avenir lointain tient en réserve des formes de vie sociale supérieures à tous ce que nous avons jamais imaginé...

H. SPENCER, *Introduction à la science sociale.*

Quem sabe onde nasceu o heroico Aventureiro?
debaixo de que ceu o livido estrangeiro,
ao rubro despontar d'auroras gloriosas,
olhou primeiro o fol e viu primeiro as rofas

nos montes virginaes das epochas selvagens
onde o luar produz phantasticas paizagens
e faz tremeluzir os lagos de crystal?...

Como a aguia que desprende o vôo triumphal,
o Espirito do Poeta errante e vagabundo,
contemplando o Viageiro a percorrer o mundo,
dos tropicos de fogo aos circulos polares,
dos paizes da Europa ás terras malabares,
procurou defcobrir a procedencia, a origem
do cyclope immortal que passa na vertigem
d'um combate fem tregua a vida tumultuofa...
E viu-o numa noite esplendida e calma
em que o luar manchava a limpidez cerulea,
defenhando no espaço a perspectiva herculea,
de pé, fobre um penhasco erguido á beira-mar.
Á glauca immensidade arremeffava o olhar,
o feu nublado olhar, cheio d'estranhas maguas,
extatico, fitando o tumultuar das aguas...
Então, das solidões monotonas do oceano,
efcutou-fe uma voz d'um timbre fobrehumano,
como fe por acafo o fabuloso Atlante
fallaffe, apostrophando a fombra do gigante,
cujo olhar dominava o feu espumeo dorfo...

O mar fez fobre si um violento efforço,
e a voz interrogava o mysterioso athleta...

Como o grito sublime e ardente d'um propheta
no deserto prégando ás tribus orientaes,
echoaram pelo espaço as notas marcias
d'este canto febril de guerra e de victoria:

—«Venho das solidões phantasticas da Historia,
a luftar, a luftar continuadamente
com esta natureza uberrima, inclemente,
a aspereza da terra e as estações avaras,
até que pude emfim desentranhar-lhe as fearas,
quando o fol, derretendo as neves da geleira,
fazia rebentar a flor da amendoeira,
e expulfava o mamouth para as regiões do Norte.
Olympico foldado avaffallei a Morte
nesso efforço brutal da lufta pela vida.
Combati, dominei, levei-a de vencida,
—belluario que luftava a todos os momentos,
tendo por inimigo os doidos elementos,
o gelo, o vendaval, a chuva, a tempestade...

Mas nunca succumbi! Desde remota idade

na guerra que travei, na infolita batalha,
arremeffo o Passado ás trevas da mortalha
montado no corcel nervoso da Victória,
e forte como um deus, cheio de crença e gloria,
inundo-me na luz intensa do Futuro.

Era um inívio trajecto o meu caminho obscuro.
Eu vim a tactear pelas estradas fóra
luctando com a Noite e conquistando a Aurora,
d'uma idade longinqua ás epochas modernas...
Habitei no silencio horrivel das cavernas,
vivi na solidão, errante pelos montes,
luctei com os leões e os velhos masthodontes
chegando a escravizar os monstros primitivos.
Celebrei fobre a relva os ágapes festivos
juncto aos lagos que o fol doirava d'esplendores,
beijando o nenuphar que abria as tenras flores,
as thuyas da floresta e o musgo dos rochedos,
quando o vento agitava os grandes arvoredos,
e dormiam ao pé da felva, que se enrama,
amphibios coloffaes de reluzente escama!

Pelejei, mas venci—bemdiçto desespero!
num tempo que ultrapaffa as epochas d'Homero,

mais velho que os Indús e os Pharaós do Egypto...
Na ascensão da montanha immensa do Infinito
vou deixando ao passar vestígios persistentes.
Na India concebi os *Vedas* transcendententes;
no Egypto, amortalhado em preciosas chlamydes,
lancei para o azul o arrojo das *Pyramides*,
com os Hebreus parei olhando a *Promissão*.
Fallou por mim na Grecia a bocca de Platão;
em Roma dei a Lyra ao genio de Virgilio,
com Ovidio chorei nas solidões do exilio,
e fui quem dirigiu, entre a loucura e o panico,
os doidos esquadrões do Barbaro germanico.
Creei, na confusão dos tempos medievaes,
esses poemas de pedra, as velhas cathedraes,
arremessando ao espaço as flechas ponteagudas
como preces que vão silenciosas, mudas,
aos páramos do ceu, nostalgicas do azul.
Andei de mundo em mundo e fui do Norte ao Sul
no foberbo corcel do *Cavalleiro Andante*,
d'escudo armoreado e rigido montante,
combatendo, esmagando as oppressões do Crime,
glorioso no meu ridiculo sublime!
Fanatico do Amor, nas gothicas ogivas,
evocava de noite as brancas sensitivas,

as doces castellãs de pallidez marmorea,
que eu via apparecer como illufões de gloria
banhadas no arabesco ethereo do luar...
Fui eu quem fez ouvir num mundo a defabar,
como um echo estalando em ambitos distantes,
a foberba rifada heroica de Cervantes!...»

Calou-fe de repente o mysterioso vulto.
O Poeta escutava o feu destino occulto,
e de novo se ouviu, d'entre o rugir das vagas,
a voz que se perdia em distanciadas plagas,
bradando: — «Continúa effa epopêa heroica,
gigante de bondade e de grandeza estoica,
athleta que fizeste o affombro das estrellas!» —

Como os trovões batendo a furia das procellas,
— «Escuta! — profeguiu o antigo Aventureiro —
a estranha narração do meu viver inteiro;
o enthusiasmo, a gloria, a força, a indignação,
tudo o que faz bater cá dentro o coração,
tudo o que faz vibrar o espirito irrequieto,
dos prantos da tristeza ao jubilo secreto,
dos problemas da Sciencia ás illufões do Amor!

Calei-me para olhar o dubio resplendor
da aurora que rompeu, como explosões de lava.
Tambem na minha historia a Idêa rebentava
da fombria mudez dos tempos medievaes...
Apagam-se no espaço os lumes immortaes,
e eu quero-te contar o meu destino amargo,
antes que o dia inunde o azul profundo e largo,
e se extingam de todo os astros pelos ceus.

Eu fou da velha raça herculea dos Anteus.
Banhei-me nos clarões d'um mundo que furgia,
d'um sol que deflumbra a immensa ruinaria,
rafgando a ecuridão que tinha a terra envolta.
Cantei a Liberdade e os hymnos da Revolta,
proclamei a Razão, prêguei a heroicidade,
—Prometheu, conquistei o fogo da Verdade
em luçtas defeguaes, batido, flagellado,
sem nunca ser vencido e nunca subjugado!

Os gritos da procella e as vozes do trovão
faudaram pelo espaço o *Rei da Creação*,
que foubesmigalhar a sua antiga algema,
e, livre, contemplar esse estupendo poema
onde o raio accentua a noite em que medito

como estrophe de luz gravada no Infinito.
Com a força tenaz que gera os grandes feitos
derroquei, destrui, minei os preconceitos,
e audaz como se fosse um gladiador antigo,
fiz vacillar, cair dos thronos o Inimigo,
cuspi com Juvenal nos cefares romanos,
e para derrubar os ultimos tyrannos
fiz escutar no mundo a gargalhada fria
d'esse Homero—Voltaire, o athleta da Ironia!»

O doce rosiclér da aurora viva e fresca
dava ao quadro sombrio a côr mais pittoresca,
nas gradações da luz que os mundos incendêa,
banhando essa figura estranha d'epopêa
—com a cabeça erguida e com a enxada ao hombro—
parada a contemplar, com a mudez do affombro,
nos chuveiros de luz do sol que se levanta,
a Natureza inteira—o mar, o ceu, a planta...

O Athleta continuava a historia aventureira:

—«Se um momento repoiso á fombra da palmeira,
se paro a contemplar os turbilhões astraes,
arrojo para o espaço os templos immortaes,

impávidos batendo o exercito dos ventos,
cidades, capitaes, estatuas, monumentos,
deixando em toda a parte indícios da passagem...
E muitas vezes tomo um impeto selvagem,
produzo ao caminhar defolações funestas,
e vou como um tufão a derrocar florestas,
as florestas do crime aonde o vicio medra,
robusto e virginal como um titan de pedra!

Na guerra que travei, guerra que tanto affombra,
venci a Natureza e dominei a sombra.
Se a terra não produz e a Noite barbariza,
a penna reconstrue e a enxada fertiliza.
D'estas forças, que fão as glorias que ennobreço,
brotou a resultante immensa do Progresso!
Com ellas combati o mundo antigo e triste,
enchi de luz e amor tudo o que vive e existe
sob o casto docel azul da immensidade...
Venci a escuridão, venci a tempestade
arrancando-lhe ao feio o raio destruidor...
Tomei o Pensamento, enchi-o de fulgor,
dei fôrma á concepção como um vestido d' aço,
e a machina partiu submettendo o espaço!
Como um sonho febril, relampago veloz,

faço de polo a polo ouvir a minha voz,
atraveffando o espaço e atraveffando as ondas
onde não chega a luz e onde não chegam fondas.
Agonisei, luctei, soffri, andei de rastros,
mas hoje encaro o ceu marcando o rumo aos astros,
e com as naus humilho as tumultuarias vagas!
Não me fazem parar lamentação e pragas,
nem descanço ao vencer as ultimas contendas.
O meu destino é como o do Judeu das lendas
caminhar, caminhar no mundo eternamente...

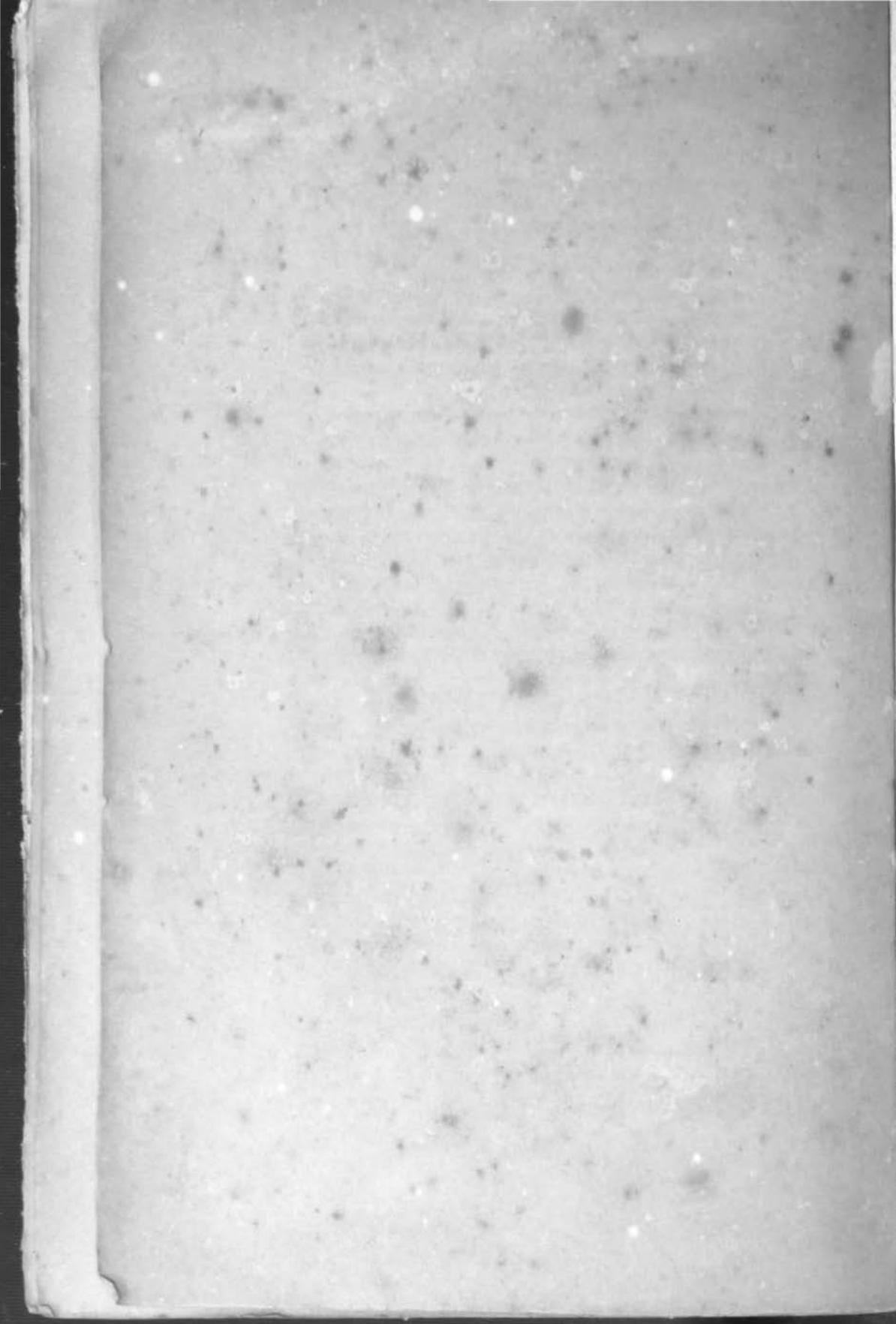
O Porvir não decora a estrophe do Presente!

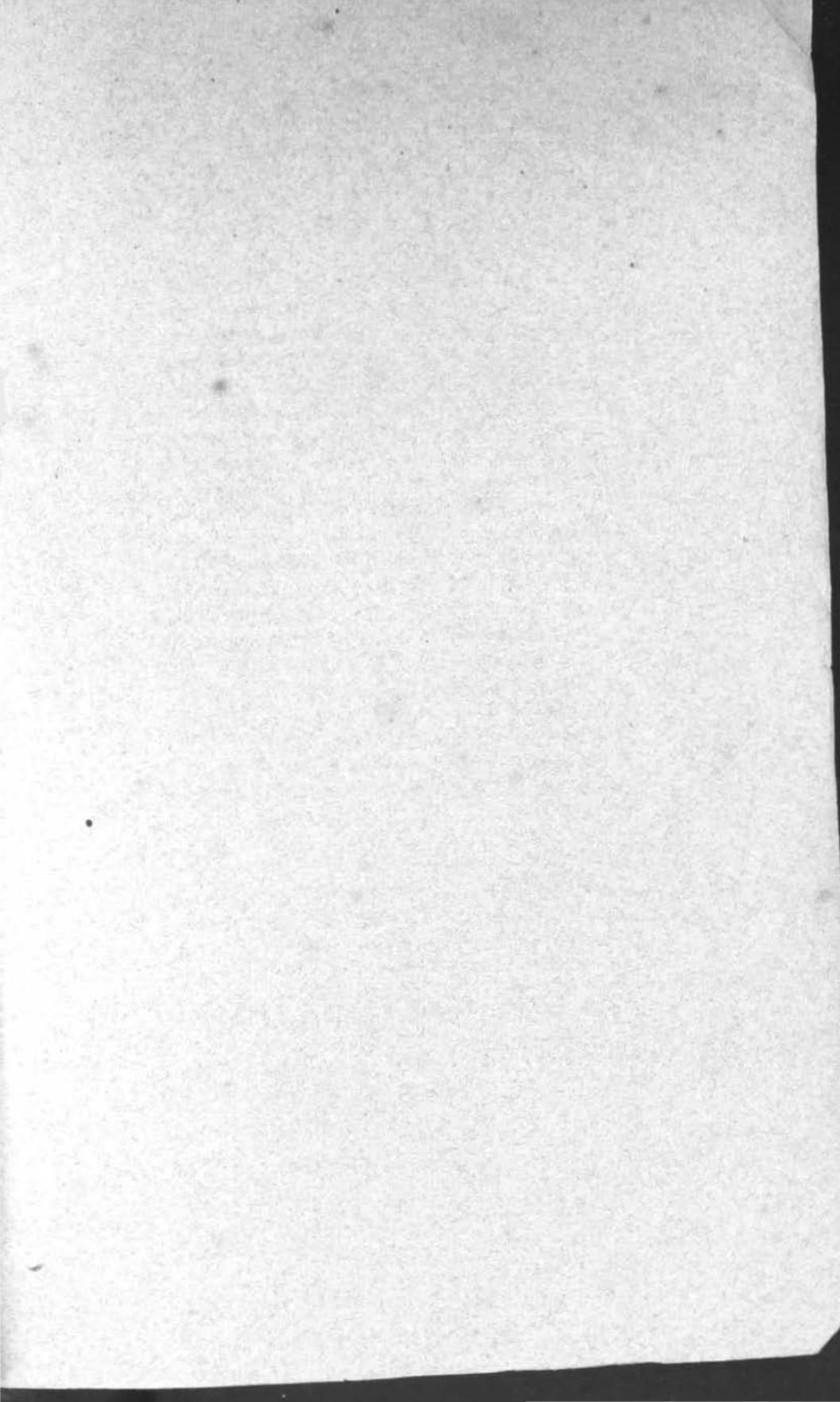
E na grande attracção profunda, irresistivel,
para o Desconhecido e para o Inacessivel,
sinto que dentro em mim um *quid* se elabora,
que me ha de arrebatat em pavilhões d'aurora
aos mundos do Porvir, tão proximo dos ceus,
na suprema ascensão, tranffigurado em Deus!» —



INDICE

	Pag.
PREFACIO	III
CONTEMPLAÇÕES	I
A MORTE DO IDEAL	7
PANTHEISMO	15
ESPHYNGE ETERNA	21
AHASVERUS	31
SACERDOS MAGNUS	35
ESBOÇO D'EPÓPEA	49





LIVRARIA CENTRAL DE J. DIOGO PIRES—EDITOR

COIMBRA

ANTONIO FEIJÓ— <i>Transfigurações</i> , 1 vol. em 8. ^o —1882	500
— <i>Sacerdos Magnus</i> , versos recitados no Theatro Academico no farau litterario celebrado na vespera da inauguração do monumento a Luiz de Camões, em 8. ^o —1881.....	200
LUIZ DE MAGALHÃES— <i>As Navegações</i> , versos recitados no Theatro Academico no farau litterario celebrado na vespera da inauguração do monumento a Luiz de Camões, em 8. ^o —1881.....	200
AUGUSTO ROCHA— <i>Origens e Caracter da Epopeia Portuguesa</i> , conferencia proferida em a noite de 10 de junho de 1880 no farau litterario promovido pelo Instituto, em 8. ^o —1880.....	300
A. DE MACEDO PAPANÇA— <i>Catharina de Athayde</i> , poema em tres cantos, 2. ^a edição (no prelo).	
— <i>Crepusculares</i> , 1 vol.	500
F. DE CASTRO FREIRE— <i>Recreações Poeticas</i> , em 8. ^o ...	400
TH. RIBEIRO— <i>Jornadas</i> , 2 vol. em 8. ^o	5200
A. SARMENTO— <i>Contos ao Soalheiro</i>	500
JERONYMO SOARES BARBOSA— <i>Analyse dos Lusíadas de Luiz de Camões</i> , dividida por seus cantos, 2. ^a edição, —1882.....	400
<i>O Godfredo ou Jerusalém Libertada</i> , poema heroico, composto em idioma toscano por Torquato Tasso, traduzido em portuguez por André Rodrigues de Mattos, 3. ^a edição, em 8. ^o —1882.....	600
<i>O Nove de Outubro ou Breves considerações sobre a ultima guerra civil</i> , por um liberal—Porto, 1849.....	480
<i>Hymno Academico</i> , dedicado aos estudantes de Coimbra por J. C. A'Nell de Medeiros e J. A. Sanches da Gama, para canto com acompanhamento de piano, 2. ^a edição.....	500